

Encíclica do meio ambiente: Percepção e posicionamento da América Latina

Análise dos países:

Argentina.....	2
Brasil.....	3
Chile.....	3
Costa Rica.....	4
Guatemala.....	4
Honduras.....	5
Colômbia.....	6
México.....	7
Peru.....	8
Uruguai.....	9
Venezuela.....	9

Contato:

Dr. Christian Hübner,
Diretor do Programa Regional
Segurança Energética e Mudança
Climática na América Latina
(EKLA)

Telf. +51 1 320 2870
Energie-Klima-La@kas.de

Nossa casa comum

A publicação da Carta Encíclica do Santo Padre sobre o Cuidado do Meio Ambiente representa uma nova dimensão no processo mundial do clima, pois com ela a Igreja Católica assume uma posição clara a respeito da política climática global. Além disso, o documento compreende uma série de aspectos sobre a proteção climática e do meio ambiente que já eram amplamente discutidos no debate público, mas chama a atenção para as relações sociopolíticas, onde as interações negativas entre a mudança climática e a pobreza são uma clara prioridade.

É notável a necessidade pública de um esclarecimento introdutório sobre as mudanças climáticas como uma realidade e sua origem humana. O Papa parece estar consciente de que este consenso científico não é compartilhado em toda parte e também acrescenta a observação de que a política climática internacional atingiu pouco até agora.

O documento do Pontífice presta especial atenção ao reconhecimento do clima como um bem da sociedade, abrangendo este aspecto já em seu título "Sobre o cuidado da casa comum". O texto reflete igualmente a importância da relação entre propriedade e responsabilidade social, uma interação que é parte central da economia social de mercado e está frequentemente associada ao termo "propriedade comprometida", que significa que o direito de propriedade implica um compromisso para o bem comum. Considerando o clima político, deste termo poder-se-ia extrair uma exigência que impeça o abuso da atmosfera como um depósito de gases de efeito estufa nocivo para o clima só

porque os direitos de propriedade desta (ainda) não são claros.

Embora a encíclica não queira entrar em detalhes científicos, o Papa observa parcialmente algumas perspectivas políticas específicas e crítica, por exemplo, o regime de negociação de licenças de emissão, pois rejeita as especulações do mercado geradas com estes certificados de carbono e considera que os valores comuns deveriam prevalecer. O pontífice também acredita que cada indivíduo deveria fazer tudo ao seu alcance para proteger o meio ambiente em seu entorno próximo. Neste contexto, a encíclica também se refere à força crescente da sociedade civil em relação à proteção do clima e à importância da política local, pois alega que um planejamento central do princípio da subsidiariedade afirma que a responsabilidade própria local é primordial e, por isso, a política climática municipal poderia ser um novo eixo controlador na proteção do clima global.

A encíclica também se integra de forma coerente na política climática internacional; já no último ano os eventos como a formulação dos objetivos europeus em relação ao clima para 2030, a publicação do Quinto Relatório de Avaliação do IPCC ou a Cúpula Extraordinária das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas anunciaram uma nova fase de proteção internacional do clima. Acompanhado pela Agenda Pós-2015 sobre a formulação dos objetivos mundiais de sustentabilidade, este processo continuou com a Cimeira do G-7 em Elmau, Alemanha, onde os principais países industrializados concordaram finalmente em descarbonizar seu abastecimento energético. O objetivo desta rota política é criar uma base sobre a qual trabalhar

as negociações climáticas globais no final deste ano em Paris, na qual, depois de 20 anos, finalmente deveria chegar-se a um acordo vinculativo em relação à proteção do clima cobrindo todos os países. Isto demonstrará até que ponto o Papa foi capaz de influenciar estas negociações.

Embora a encíclica tivesse sido bem acolhida pela grande maioria dos meios de comunicação latino-americanos, a sua apresentação e análise não dominaram a cobertura da atualidade diária em todos os lugares. Grandes personalidades latino-americanas da política, da ciência e da sociedade civil comentaram a encíclica tendo como base os problemas ambientais na região, tais como a escassez de água e a gestão municipal dos resíduos. Além disso, muitas das perspectivas críticas do Papa se reuniram frente ao crescimento econômico e, nesse contexto, mencionou-se novamente a responsabilidade dos países ricos pela mudança climática global e suas consequências.

A perspectiva política da encíclica é ambivalente, assim como as vastas declarações oficiais dos governos sobre este documento são só pontuais. Aqui se distinguem especialmente os governos de esquerda para criar interligações, nem sempre evidentes, com sua obra de governo. Por outro lado, no setor conservador da população existem algumas pessoas que entendem a encíclica como uma exortação a uma política comprometida em questões climáticas e ambientais.

Isso mostra que, devido à procedência do Papa, a encíclica desfruta na América Latina de uma atenção pública particular; no entanto, tanto a cobertura fugaz, tendo em conta a recente viagem do Papa à América Latina, quanto a reserva vigilante de alguns governos são indicativos de que a encíclica não terá nenhuma influência significativa sobre as políticas climáticas e ambientais na América Latina.

Dr. Christian Hübner, diretor do Programa Regional Segurança Energética e Mudança Climática na América Latina.

Argentina

Na Argentina, a mídia e a classe política receberam com grande interesse a encíclica *Laudato si* e concentraram-se principalmente nos temas mencionados pelo Papa Francisco como a pobreza, a corrupção e a destruição do meio ambiente, três problemas centrais da vida em Rio de la Plata.

Embora surpreenda que esta encíclica alcance o coração tanto da sociedade argentina quanto de outras sociedades latino-americanas, pois o Papa concebeu seu escrito em estreita coordenação com a Universidade Católica Argentina (UCA), os meios de comunicação nacionais vão mais longe e afirmam que uma encíclica dessa natureza só poderia vir de um papa do "sul do mundo".

Tal elogio foi também para a clareza das palavras do Papa frente às desigualdades sociais, bem como a crítica que faz o também ex-arcebispo de Buenos Aires ao modelo econômico mundial atual. Além disso, com as eleições presidenciais de outubro próximo, a encíclica acendeu o debate sobre o futuro das políticas econômicas e ambientais. O arcebispo e reitor da UCA, Victor Manuel Fernandez, pronunciou-se a favor de medidas claras e mais ofensivas sobre a reciclagem e a redução das emissões poluentes e advertiu que deixar-se deslumbrar pelo "marketing verde" distraía dos problemas reais, como o uso de pesticidas, a poluição de rios e a mineração. Por outro lado, nos círculos governamentais também foi percebida a aprovação do documento papal, com particular ênfase no sucesso na política ambiental e destacando a responsabilidade dos países ricos na luta contra a mudança climática.

Como tantas outras vezes, a Argentina concordou novamente com "o seu Papa"; no entanto, a exata interpretação de suas palavras orienta-se segundo a visão de cada ator.

Dr. Kristin Wesemann, representante do escritório KAS em Buenos Aires.

Brasil

O documento papal encontrou na mídia brasileira uma aceitação favorável que, no entanto, não dominou em nenhum momento a agenda diária e, ademais, foi acompanhada pelo silêncio dos partidos civis sobre a sua publicação.

A nova encíclica foi seguida tanto pelos principais meios de comunicação brasileiros quanto os diversos e influentes blogs de esquerda alternativa e dos cidadãos. Em todos, analisaram-se os principais fragmentos da encíclica, especialmente aqueles relacionados com as críticas à distribuição desigual da riqueza, assim como a destruição e exploração dos recursos naturais do nosso planeta. Em geral, as reações da sociedade brasileira foram positivas, como foi evidenciado pelos muitos comentários nos fóruns de internet e cartas de leitores. Além disso, elogiou-se o enfoque mais forte que a Igreja Católica deu aos interesses ambientais, a mudança climática e o desenvolvimento sustentável sob o comando de Francisco. Nesta relação é importante mencionar que, já no final de 2014, informava-se sobre o pedido que o Vaticano fez a Leonardo Boff, teólogo brasileiro querido especialmente nos estratos mais pobres, para ele ajudar na nova encíclica. Assim, os meios de comunicação informaram em várias ocasiões o envolvimento do teólogo no conteúdo do documento do Papa.

Nem o PSDB, partido popular e economicamente liberal, nem os Democratas publicaram opiniões específicas sobre a encíclica. Por outro lado, as críticas ao governo dominaram as opiniões políticas dos partidos conservadores, especialmente devido à crise política dentro da configuração do governo e dos dados econômicos cada vez mais graves. Finalmente, a agenda política no Brasil foi dominada por eventos como a problemática viagem da delegação do país à Venezuela ou os novos projetos de lei, de modo que a publicação da encíclica foi pouco discutida pelas cúpulas partidárias.

Christian Matthäus, bolsista do escritório KAS no Rio de Janeiro.

Chile

O Papa Francisco usa palavras claras para descrever os abusos atuais acerca da mudança climática e em um país como o Chile, que devido à sua posição geográfica especial está sempre lutando contra as catástrofes naturais (secas e inundações) que estão se tornando cada vez mais frequentes a consequência da mudança climática, estas palavras têm atraído muita atenção.

Por exemplo, o ministro do Meio Ambiente, Pablo Badenier, e o Cardeal e Arcebispo de Santiago, Francisco Javier Errázuriz, se reuniram, com ocasião da publicação da encíclica, em uma entrevista em que ambas as autoridades pronunciaram-se a favor de um diálogo mais próximo entre o Ministério e a Igreja Católica. Badenier fez um chamado enérgico ao povo chileno a refletir imediatamente sobre o "consumismo imoral" e lembrou que, embora o país andino experimentasse nas últimas décadas um rápido crescimento econômico, este desenvolvimento também envolve problemas ambientais e de saúde significativos¹.

Em uma entrevista com o jornal *El Mercurio*, o ministro de Relações Exteriores, Heraldo Muñoz, anunciou outro encontro de pelo menos quatro ministros do estado e noventa instituições da região para promover, com base na encíclica, uma discussão urgente e necessária sobre a crise ambiental e para formular um plano estratégico abrangente e sustentável².

Por outro lado, Guido Girardi, presidente da Comissão de Desafios do Futuro do Senado, valorou a sinceridade do texto e expressou que, em quanto aos problemas ambientais, Chile é um país particularmente em desenvolvimento, onde até à data não foi realizado um debate sério sobre as políticas climáticas. O senador Girardi também disse que, infelizmente, outros temas distintos ao aquecimento global ocuparam a agenda e espera que isso mude em breve com o "chamado de advertência" do Pontífice. Por sua parte, a diretora da Fundação Terram sobre políticas ambientais, Flavia Liberona, congratulou a excelente iniciativa da Igreja Católica e a sua preocupação pela mudança climática e advertiu também sobre a previsível e intensa resistência de consórcios econômicos internacionais³.

O sacerdote, representante da Igreja Católica e professor de ética na Universidade Gabriela Mistral, Sebastian

¹ <http://portal.mma.gob.cl/ministro-badenier-se-reune-cardenal-ezzati-para-analizar-nuevaenciclica-verde-del-papa-francisco/>. [05/07/2015].

² Ver *El Mercurio*, 29/06/2015, p.C3.

³ <http://cambioclimaticochile.cl/presidente-dela-comision-desafios-del-futuro-valoraenciclica-laudatosi-del-papa-francisco/>. [05/07/2015].

Correa Ehlers, descreveu a encíclica como uma "obra incomoda" que reflete a triste realidade atual de uma forma desenvolta e de frente. Ao mesmo tempo, disse que vê neste documento um enorme potencial para reorganizar a política internacional e transformar a Igreja de maneira fundamental⁴.

Na opinião pública chilena domina, portanto, o consenso de que o *Laudato si* não só será percebido como uma opinião contra o comportamento da sociedade atual, mas como um chamado global à ação. Também acreditam que a política, a igreja e a economia não podem mais esconder ou negar a mudança climática e, pelo contrário, deveriam propor a sua responsabilidade conjunta, pois é urgente e necessária levando em conta a iminente Conferência das Nações Unidas sobre Mudança Climática em Paris em novembro de 2015.

Kathrin Schneider, representante científica do escritório KAS em Santiago de Chile.

Costa Rica

Também na Costa Rica, a encíclica *Laudato si* produziu diferentes reações: a mídia considerou positiva a chamada para promover ações globais justas e sustentáveis com a natureza, vincular as políticas sociais, econômicas e ambientais, além disso, elogiou-se a aposta contra a desigualdade e a exclusão social. Enquanto isso, as declarações do Papa foram compreendidas de maneira que o modo de funcionamento e a lógica do capitalismo foram os principais responsáveis pelos danos ambientais e mudanças climáticas. Em CRHOY, isto se traduziu em "O Papa argentino condena com palavras firmes o consumismo e o capitalismo desenfreado e os sinala como responsáveis pela degradação da "mãe e irmã Terra", como ele a chama".

Também outros atores, especialmente do âmbito acadêmico, encontraram palavras claras na avaliação que fizeram do documento do Papa. O economista liberal Jorge Guardia, presidente do Banco Central durante o governo de Rafael Angel Calderón Fournier, se declarou decididamente contra a encíclica, descrevendo-a como subjetiva

e ideológica e também criticou o seu autor, a quem relacionou com a Teologia da Libertação. Em contraposição, está a opinião do importante analista político Constantino Urcuyo Fournier, quem considerou que o conteúdo era consistente com o compromisso social da Igreja Católica e, especialmente, elogiou a referência aos grandes valores como a justiça social, solidariedade e desenvolvimento sustentável e integral.

A Conferência Episcopal do país anunciou o seu desejo de aprofundar a importância e o alcance do documento através do diálogo com os políticos, a mídia e os crentes. Por outro lado, as partidos pronunciaram-se de forma irregular e a opinião de seus representantes não foi sobre a encíclica como um todo, mas remeteram-se ao conteúdo bastante pontual relacionado com seu posicionamento político.

Nas redes sociais, o documento espalhou-se rapidamente no dia da sua publicação. O texto foi principalmente qualificado como positivo, ligado, sobretudo à imagem moderna do Papa argentino.

Sergio Araya Alvarado, coordenador de projetos do escritório KAS em San José.

Guatemala

A Encíclica do Meio Ambiente do Papa Francisco veio à Guatemala em um período no qual os casos de corrupção, relacionados também com a situação ambiental, levaram a protestos e renúncias de altos funcionários do governo. No dia 08 de maio de 2015, o vice-presidente Baldetti renunciou devido a, entre outros temas, a compra superestimada de uma suposta panaceia para a limpeza do completamente poluído lago Amatitlan localizado ao sul da capital, em um caso que também causou a renúncia subsequente da Ministra do Meio Ambiente. A isso, somou-se a morte em massa de peixes no rio La Pasión no final de maio, supostamente desencadeada pela canalização de fertilizantes e pesticidas de uma plantação de óleo de palma. O Ministério do Meio Ambiente foi acusado de má gestão e incompetência e as empresas agrícolas, de tratamento inescrupuloso dos recursos naturais. Apesar disso, existe também pouca

⁴ Ver *La Segunda*, 18/06/2015, p.22.

consciência sobre a relação com a natureza, especialmente entre os moradores urbanos, o que se traduz em que o desperdício de energia elétrica, água e embalagens sejam considerados cada vez mais como expressões de prosperidade.

Tendo como base a crise atual, a "encíclica verde" teve uma grande aceitação e muitos relatórios e colunas escreveram a respeito, especialmente em Prensa Libre, o jornal de maior circulação no país. Ali, uma colunista disse que o Papa havia tocado um nervo sensível, especialmente em empresas e indústrias agrárias e também que o centro do mundo não era Wall Street, Berlim, Londres ou Pequim e, portanto, o benefício econômico de alguns poucos devia ser colocado na balança contra a expectativa de vida das grandes maiorias. Em um comentário mais tarde, um clérigo exigiu uma ética econômica que respeite os desejos e a liberdade de todas as pessoas, enquanto outras vozes exigiram um novo modelo de desenvolvimento baseado na humildade e solidariedade.

O arcebispo Óscar Vian descreveu a encíclica como "uma chamada a despertar pelo nosso planeta" e no final de sua homilia dominical de 21 de Junho, convidou os fiéis a ler este documento, porque considerou que na Guatemala não se tratava o ambiente com consciência e responsabilidade. O arcebispo observou que, embora seja verdade que os cidadãos devem proteger o meio ambiente, é também o dever dos órgãos governamentais e do Estado responsabilizar aos culpáveis pelos danos ambientais. Miguel von Hoegen, diretor do Instituto de Pesquisa IDIES da Universidade Jesuítas Rafael Landívar, imediatamente reagiu à encíclica ambiental com uma extensão de sua "Introdução à economia social de mercado" e, em conexão com o Papa Francisco, apresentou poucos dias depois não só os princípios e econômicos, mais também os princípios ecológicos desta economia social, que considerou igualmente importante.

Annette Schwarzbauer, representante do escritório KAS em Tegucigalpa.

Honduras

Imediatamente após a publicação da encíclica ambiental, os meios de

comunicação do país começaram com relatórios completamente positivos sobre o documento do Papa Francisco que continuou até o final de junho. Várias agências complementaram as notícias com artigos de opinião e colunas tanto do exterior quanto da Honduras, muitas das quais foram estendidas para a política climática global, a COP deste ano em Paris e a responsabilidade dos países industrializados por danos ambientais e mudança climática. Por outro lado, criticou-se a falta de progresso em recentes cúpulas e que a riqueza de poucos fosse carregada para a maioria dos pobres. Na sua seção "Héroe y Villano del día" do dia 20 de junho, o jornal El Heraldo elegeu o Papa Francisco como herói porque, com a sua encíclica e a crítica à degradação ambiental promovida pelo consumismo imoral, provocou a ira dos ultraconservadores nos Estados Unidos e das grandes capitais.

Em um artigo publicado em 31 de maio pelo jornal La Tribuna falou-se da encíclica em relação a Honduras e criticou-se a deflorestação e a tala indiscriminada para a criação de pistas de aterrissagem ilegais, utilizadas para o tráfico de drogas aos olhos de policiais e militares que criticavam esta situação. Devido a muitos e difíceis casos de corrupção e à falta de capacidade de ação das instituições, Honduras atravessa desde o final de maio uma crise de governo que conduz a protestos dos "indignados", que leva semanas. Também neste contexto, a encíclica do meio ambiente é bem-vinda por sua exortação ao comércio responsável.

Em 18 de junho, o Cardeal Oscar Rodríguez Madariaga, coordenador do Conselho de Cardeais convocado pelo Papa Francisco em 2012, apresentou a encíclica durante uma reunião de debate na Universidade Católica, onde se dedicou ao seu conteúdo e explicou que o Pontifício Conselho "Justiça e Paz" tinha enviado o documento para todos os arcebispos para eles prepararem a sua apresentação e assim dar-lhe ao povo a oportunidade de conhecer o conteúdo em primeira mão e não sobre interpretações. Isto, em aparente crítica ao vazamento de informações sobre o documento antes da publicação. Por outro lado, o Instituto Hondureño da Doutrina Social Católica (IHDOSOC) apresentou no mesmo dia um resumo do texto ambiental.

Annette Schwarzbauer, representante do escritório KAS em Tegucigalpa.

Colômbia

Considerando que a maioria da população colombiana é católica e que o Papa é latino-americano, não é de surpreender que a publicação da última encíclica, *Laudato si*, tenha causado muitas reações na quais foram analisadas as consequências a nível nacional e internacional. Como muitas outras questões na Colômbia, a encíclica também estava relacionada com o processo de paz entre o governo e as FARC.

Devido a que a imprensa começou a informar sobre o texto antes de se tornar oficial, encíclica ambiental despertou rapidamente o interesse dos meios de comunicação colombianos e as reações foram ainda mais fortes após a publicação definitiva do documento. No início, estes relatórios foram principalmente descritivos, tais como a publicação feita pelo jornal *El Tiempo* com os principais pontos do documento com um título referindo-se ao fato de que, para o Papa, a terra tornou-se cada vez mais um imenso depósito de lixo.

Outros meios de comunicação colombianos, como a revista semanal "Semana" e outros jornais regionais, publicaram fragmentos da encíclica e se concentraram principalmente na chamada geral do Papa à criação de mudanças profundas, à condenação do fato de que os "ricos e poderosos" destroem o espaço de vida dos pobres e a "culpa ecológica" do norte contra o sul. Algumas manchetes continham expressões como "o Papa verde" ou "O Papa exige uma revolução para salvar o planeta".

Depois, o assunto foi discutido em diversas entrevistas, editoriais e declarações dos líderes da vida pública e da opinião de vários congressistas sobre este assunto: para o Partido Conservador, o Papa tem a autoridade ética para exortar sobre planeta em relação a estes temas; e assim o destacou o membro da Câmara dos Representantes por esta partido, Telesforo Pedraza. Outros congressistas do Partido Liberal, do Partido Verde e do Polo Democrático também reagiram positivamente à encíclica e

descreveram-na como uma "revolução cultural corajosa".

Rubén Salazar, cardeal colombiano e presidente do Conselho Episcopal Latino americano (CELAM), sublinhou que a guerrilha e degradação ilegal de terras são os principais poluentes do meio ambiente no país e o Arcebispo de Cali, Monsenhor Dario Monsalve, se expressou de forma semelhante. Os dois clérigos se referiram também aos recentes atos terroristas das FARC e do ELN contra oleodutos, que causaram grandes danos nas bacias hidrográficas.

Paradoxalmente, alguns dias depois o comandante das FARC, Pastor Alape, expressou a importância da encíclica ambiental como instrumento para melhorar as condições de vida dos mais pobres e a considerou como um guia no caminho para a paz. O chefe da delegação do governo nas negociações de paz em Havana, Humberto de la Calle, reagiu de imediato a estas declarações e qualificou às Farc como "cínicas". Além disso, o presidente Santos manifestou-se neste sentido e disse que era "incoerente" e "irracional" o que as FARC realizava, pois por um lado eles cometiam crimes contra o meio ambiente e a população e, por outro, faziam uma chamada para a proteção deste. Santos também destacou que a Colômbia devia seguir as instruções do Papa, pois está entre os países que mais sofriam com a mudança climática.

Em geral, pode-se observar que a encíclica do meio ambiente despertou muita mais atenção nos analistas da mídia regional, como, por exemplo, o jornal *El Colombiano* (Medellín), *El Pais* (Cali), *Vanguardia* (Bucaramanga), *El Universal* (Cartagena) do que naquelas cidades onde as consequências da mudança climática se sentem mais fortemente.

Dr. Hubert Gehring, representante e Margarita Cuervo, coordenadora de projetos do escritório KAS em Bogotá.

México

No México, o "umbigo da Igreja Católica", o Papa Francisco e sua encíclica sobre o meio ambiente só conseguiram reações contidas e um modesto interesse, porque, se bem que perto do dia 18 de junho, os principais jornais mexicanos informaram extensivamente sobre o escrito papal,

este relatório ficou na mera reprodução do conteúdo elementar, sem uma análise detalhada nem uma preparação do tema com especialistas e líderes de opinião.

A mídia recolheu especialmente a crítica do pontífice sobre a atitude consumista da humanidade e do rápido crescimento nos países industrializados que, segundo o Papa, foram os que causaram a mudança climática atual e os danos meio ambientais, além de serem os responsáveis pela brecha na prosperidade em todo o mundo. Também se acolheu com prazer a crítica de Bergoglio à falta de visão da classe dominante em relação às políticas meio ambientais, climáticas e da energia sustentável e, similarmente, gerou simpatia o fato de que usara estudos de investigação científica e estivesse disposto aos avanços tecnológicos. Por outro lado, as reações e declarações dos políticos e personalidades importantes de todo o mundo, desde os elogios dos presidentes Barack Obama e François Hollande até as palavras duras de alguns membros das elites políticas conservadoras dos Estados Unidos foram seguidas cuidadosamente.

Em comparação com os pontos de vista dos atores internacionais, dos líderes políticos mexicanos foi lido muito menos, pois só se discutiu o assunto de forma isolada. O atual secretário de Meio Ambiente do governo federal, Juan José Guerra Abud, falou positivamente sobre o Laudato do Papa com estas palavras:

"[...] O que posso dizer é que é uma análise muito aprofundada da situação ambiental que está prevalecendo no mundo, eu acho que existem muitos conceitos, muitas propostas e muitas iniciativas que o papa Francisco está apresentando e que, sem dúvida, devemos levar em conta"⁵.

O ex Presidente do PAN, Felipe Calderón, conhecido pelo seu compromisso com a política ambiental, felicitou o Papa e disse que seu Laudato si tinha lhe dado ao debate sobre o a política climática um ar moral necessário desde há muito

tempo, pois os mais afetados eram particularmente os pobres do mundo⁶. Por outro lado, Adriana Gonzalez, deputada do Partido Acción Nacional (PAN) publicou um artigo digital curto para o jornal Milenio, no qual qualificou a encíclica como "inovadora" e como "a política mais importante de nosso tempo" em relação com a próxima COP em Paris⁷.

Dentro dos círculos econômicos, a encíclica foi vista com um olhar crítico. Na seção de opinião do jornal Reforma, o jornalista Sergio Sarmiento admitiu que, embora fosse positivo que Francisco chamara a atenção para as injustiças sociais do mundo, o Papa estava errado ao assumir que o sistema econômico internacional era responsável pelo aquecimento global e suas consequências, pois era o contrário, porque só na economia poderia se encontrar a solução para estes problemas⁸.

Também Isabel Studer, Diretora do Instituto Global para a Sustentabilidade do Instituto Tecnológico de Monterrey, mostrava-se cética segundo o jornal El Economista:

"Há um ponto em que eu não concordo com a encíclica, que se concentra na mudança ética e moral, pois precisamos de um sistema com incentivos para que o capital faça trabalhar essas novas tecnologias"⁹.

A Igreja Católica e as ONGs com perfil ecológico também emitiram suas opiniões sobre a encíclica ambiental. As conferências de imprensa e inúmeros comentários em redes sociais como Twitter, Facebook e outros provam que a maior parte desta comunidade sabe

⁶ Siete24: *Calderón elogia encíclica del Papa Francisco*, extraído de: <http://www.siete24.mx/calderon-elogio-enciclica-del-papa-francisco-71626/>, [13/07/2015].

⁷ González, Adriana. *Una encíclica para el cuidado de nuestra casa común. Argumentos a debate*, extraído de: http://www.milenio.com/firmas/adriana_gonzalez/enciclica-cuidado-casacomun_18_543725698.html, [12/07/2015].

⁸ Sarmiento, Sergio. *Llueve o truene*, em: Reforma 22/06/2015, p. 14.

⁹ El Economista: *No sólo ética, para cambiar se requieren incentivos*, extraído de: <http://eleconomista.com.mx/entretenimiento/2015/06/28/no-solo-etica-cambiar-se-requieren-incentivos>, [12/07/2015].

⁵ López, Carlos Alonso. *Da Semarnat la razón a la encíclica del papa Francisco*, em: La Jornada Aguascalientes 19/06/2015, extraído de: <http://www.lja.mx/2015/06/da-semarnat-la-razon-a-la-enciclica-del-papa-francisco/>, [13/07/2015].

valorizar a sua contribuição para a proteção do clima e do meio ambiente.

Por seu lado, os membros e representantes do clero mexicano usaram a encíclica para destacar que muitas dioceses mexicanas realizam há vários anos programas de sucesso para a separação de resíduos e economia de energia. Também disseram que esperam que, com a encíclica, a comunidade católica no México se sensibilize mais com a proteção do meio ambiente e com a relação sustentável com os recursos naturais e que os responsáveis pela tomada de decisões em questões políticas e econômicas estejam mais motivados a contribuir mais fortemente em temas climáticos e meio ambientais.¹⁰.

Nos próximos meses, se demonstrará se o Papa e sua encíclica alcançam uma maior onda "verde" no México.

Janina Grimm-Huber, coordenadora de projetos do escritório KAS na Cidade do México.

Peru

Embora a tão esperada encíclica papal de 191 páginas sobre a mudança climática tenha tido ampla cobertura pela mídia após sua apresentação, não teve um papel preponderante por causa dos conflitos políticos internos em um país onde, de acordo com o anuário estatístico, 80 % da população pertence à Igreja Católica.

Um primeiro artigo de análise¹¹ colocou a encíclica na relação histórica das mais importantes cartas pastorais e adicionou comentários semelhantes de personalidades internacionais. Da mesma forma, em um artigo de opinião recolheu-se que a encíclica busca que os crentes se unam à luta conjunta contra a mudança climática¹².

Os artigos de opinião sucessivos foram dedicados a aspectos específicos da encíclica de acordo com a orientação política dos autores.

¹⁰ Corona, Emilio. *Aplauden Obispos encíclica proambiental*, em: Reforma 18/06/2015.

¹¹ «El Papa le exige al mundo detener la contaminación», em: La República de 20 de junho de 2015, páginas 2 e 3

¹² Vignati, Federico: «Contra el cambio climático», em: El Comercio de 23 de junho de 2015.

Os autores com maior tendência de esquerda se concentraram em aprovar a crítica ao capitalismo e as responsabilidades das potências mundiais pelo processo de industrialização destrutor do meio ambiente e do clima, contidas no documento, e também incluíram em suas críticas os países do "socialismo do século XXI"¹³. Por outro lado, uma autora considerou que a encíclica pôs em questão, especialmente, o modelo de desenvolvimento atual com o papel dominante da propriedade privada e da acumulação de resíduos¹⁴. Uma contribuição, sobretudo analítica¹⁵ considera que a importância geral da encíclica está no esforço da Igreja Católica para abandonar o debate sobre a autodeterminação sexual e reprodutiva e recuperar a autoridade moral com o debate ecológico, e também destaca a crítica que a encíclica faz ao "reino dos vorazes", a nova solidariedade, a relatividade da propriedade privada contra o bem comum, bem como a proposta de uma plataforma de reformas e mudanças irrenunciáveis necessárias para salvar a humanidade, com acusações contra os ricos, os responsáveis políticos e a burocracia internacional.

Desde o meio político e as forças conservadoras prevaleceu a opinião crítica sobre a encíclica e assinalaram-se especialmente as injustiças expressas em relação aos avanços tecnológicos, ao estilo de vida atual, à sociedade de consumo e à economia de mercado, pois acreditam que estas últimas conduziram aos padrões de vida mais elevados no desenvolvimento da humanidade. As propostas de ação contidas na encíclica, como a limitação do crescimento econômico e a redução do papel do mercado afetam, de acordo com esta opinião, os pobres mais do que ninguém e reduzem os recursos e incentivos já estabelecidos para a proteção do meio ambiente¹⁶. O autor ainda ressaltou que, embora o problema do clima seja visto

¹³ Haya de la Torre, Agustín: «La Tierra de Francisco», em: Diario UNO de 25 de junho de 2015

¹⁴ Silva Santisteban, Rocío: «El Papa verde y el depósito de porquería», em: La República de 23 de junho de 2015.

¹⁵ Schiappa Petri, Julio: «Los herejes no quieren a Gaia», em: Diario UNO de 28 de junho de 2015.

¹⁶ Vásquez, Iván: «Hay que diferir con el Papa», em: El Comercio de 20 de junho de 2015.

corretamente no documento papal, os princípios das respostas políticas climáticas estão errados¹⁷, precisamente porque o modelo econômico guiado pela ética redistributiva tinha conduzido, tanto no passado como hoje, a mais pobreza e destruição de políticas meio ambientais. O exemplo do Peru mostra a opinião de que os problemas meio ambientais e climáticos do país não são causados de nenhuma forma pelas sempre criticadas grandes empresas multinacionais, pelos investimentos das grandes ou médias empresas de mineração ou a indústria madeireira, mas sim pela mineração ilegal e a imigração dos agricultores pobres¹⁸.

Reinhard Willig, representante do escritório KAS em Lima.

Uruguai

Enquanto na Argentina a atenção que a encíclica recebeu foi ótima, na outra ribeira do Rio de la Plata, o interesse público gerado pelo *Laudato si* não em relação explícita com o mesmo Uruguai, pois os artigos publicados a respeito do documento do Papa na imprensa uruguaia vieram principalmente de jornais europeus e americanos. A maioria dos artigos sobre a encíclica apareceu nos principais jornais como *EL PAIS* e *EL OBSERVADOR* e o enfoque dado foi ideias sobre medidas econômicas que poderiam ajudar o meio ambiente. No Uruguai, a mudança climática e a poluição ambiental são questões importantes, especialmente após os problemas com a poluição da água no departamento sulista de Maldonado, onde os cidadãos se queixam desde Março de cheiros e sabores na água da torneira e na capital Montevideu há queixas semelhantes.

No geral, não há reações políticas públicas sobre a encíclica ambiental de Francisco nem dos sócios da KAS, o que demonstra a "secularidade" uruguaia, segundo um deputado do Partido Independente.

Dr. Kristin Wesemann, representante do escritório KAS em Buenos Aires.

Venezuela

A publicação da encíclica papal não conseguiu muita atenção na Venezuela, devido a que os principais jornais do país limitaram-se a notificar a publicação e descrever as principais diretrizes da encíclica; no entanto, o eco midiático foi totalmente positivo. Junto com os artigos consideravelmente objetivos, houve também comentários isolados que comemoravam a encíclica do Vaticano.

Evidentemente, a Igreja Católica e as suas organizações próximas pronunciaram-se positivamente sobre o documento. As organizações ambientais, no entanto, não conseguiram gerar atenção pública, em grande parte devido à grave crise política, econômica e social no país, porque, uma vez que muitas pessoas estão preocupadas por superar as dificuldades da vida cotidiana, os interesses ambientais na Venezuela só se abordam superficialmente em comparação com outros países.

O governo venezuelano liderado por Nicolás Maduro avaliou positivamente a encíclica. O presidente estabeleceu de imediato paralelos sobre a política do governo socialista e assumiu que a encíclica estava em harmonia com o plano nacional de desenvolvimento, "Plano da pátria 2013-2019". As declarações deveriam assombrar porque, ao fim e ao cabo, o equilíbrio do meio ambiente do país, rico em petróleo é desastroso: nos últimos anos, o Ministério do Meio Ambiente foi quase dissolvido para ser ressuscitado, alguns meses mais tarde, como o Ministério do Ecosocialismo. Tanto Maduro enquanto os pontos de vista dos meios de comunicação próximos ao governo concentraram-se bastante nas palavras críticas do Papa sobre o capitalismo e pouco na necessidade de uma política compatível com o meio ambiente e, sempre em busca de propaganda, a mídia estatal interpretou as palavras do Papa para que dessem a impressão de que a fonte de todo o mal no mundo é o capitalismo. Tendo em conta a desastrosa política ambiental e climática do governo venezuelano, as pretensões e a realidade deferem largamente; no entanto, uma suposta harmonia é estabelecida quanto ao conteúdo entre a encíclica e o chamado "ecosocialismo". Assim, o governo venezuelano procura

¹⁷ Lomborg, Bjorn: «El Papa y el camio climático», em *El Comercio* de 28 de junho de 2015.

¹⁸ De Althaus, Jaime: «El Papa ambiental», em *El Comercio* de 26 de junho del 2015.

legitimar seus pontos de vista dentro e fora do país e ocultar seus próprios fracassos, como a poluição da água e do ar, os danos através do desmatamento de florestas, a mineração ilegal ou a absurda política de preços de combustível na qual este é praticamente

dado nos postos de gasolina. A lista de pecados ambientais e climáticos na Venezuela é longa e o governo faz pouco para contra arrestar o seu impacto negativo.

*Henning Suhr, representante do
escritório KAS em Caracas.*



Pé de imprensa

Konrad Adenauer Stiftung e.V.
Departamento principal
Cooperação internacional

Dr. Christian Hübner,
Diretor do Programa Regional
Segurança Energética e Mudança
Climática na América Latina
(EKLA)

Calle Cantuarias 160, Oficina
202, Miraflores, Lima 18, Peru

Tel. +51 1 320 2870, Energie-
Klima-la@kas.de,
[www.kas.de/energie-
klimateinamerika/](http://www.kas.de/energie-
klimateinamerika/)